

Por: João Samuel¹

As Atitudes Linguísticas do Ensino Bilingue (Elomwé e Echuwabu) no 1º Ciclo do Ensino Básico em Moçambique

Nota Introdutória

O presente artigo tem como tema “As atitudes linguísticas do ensino Bilingue (Elomwé e Echuwabu) no 1º ciclo do ensino básico em Moçambique”.

O objectivo é descrever as atitudes linguísticas do Elomwé e do Echuwabu, no que diz respeito ao ensino bilingue no 1º ciclo do ensino básico.

Importa frisar que Elomwé e Echuwabu são línguas faladas em Moçambique, concretamente na província central da Zambézia e, linguisticamente estas línguas moçambicanas são designadas por línguas bantu.

O tema deste artigo revela-se de grande importância, pois foi a partir da valorização dada às línguas moçambicanas, que os falantes, sobretudo a camada estudantil, a um nível médio, começam a tomar consciência de alguns problemas linguísticos que antes eram passados despercebidos, com a imposição da língua portuguesa.

Para alcançar o objectivo acima descrito, usou-se como metodologia a conversa com alguns falantes do Elomwé e outros de Echuwabu e, também a consulta bibliográfica de APPEL & MUYSKEN (1969), BERGAMASCHI (2006), BOUDREAU (2009), BAKER (1993), CALVET(2002),CHIMBUTANA (2009), HENRIKSEN (2010), (1972), INDE/MINED, (2003), LOPES (2002), MENDES (2000), (2004), NGUNGA & FAQUIR (2001), PEBIMO (1996), SITOE, B. & NGUNGA (2000),

São palavras-chave: *atitudes linguísticas, ensino Bilingue e 1º ciclo do ensino básico.*

¹ Docente da Universidade Pedagógica de Moçambique-Delegação de Quelimane, mestrando em Ciências de Educação: Ensino de Português

1. Sustentação teórica

1.1. Línguas Moçambicanas

As *línguas moçambicanas* são todas de origem bantu, com exceção do português, que é a língua oficial e de ensino, desde que o país se tornou independente, em 25 de Junho de 1975. (LOPES et al, 2002).

Dada a diversidade étnica e Linguística de Moçambique, com mais de vinte (20) línguas, existe um potencial de conflitos no processo da escolha das línguas a leccionar, uma vez que poderá não ficar claro pela comunidade a razão da exclusão da sua língua.

Importa frisar que os programas de Ensino Bilingue são conduzidos em duas línguas: Línguas Moçambicanas e Portuguesa. Na 1ª fase, as Línguas Moçambicanas são meio de ensino e disciplina de estudo da própria língua (1º ciclo). As Línguas Moçambicanas são apenas disciplinas de estudo e a Língua Portuguesa meio de ensino e disciplina de estudo da própria língua.

MENDES (2000:31) quando fala da função das línguas moçambicanas acautela que “preferimos empregar a designação *línguas moçambicanas* por nos parecer a forma mais neutra e por não concordarmos com a designação *línguas nacionais*, muitas vezes, empregue. Interpretamos que para uma língua ter estatuto de língua nacional deve ser empregue, pelo menos, por metade da população de um país, o que não é o caso de Moçambique”.

Significa que as línguas moçambicanas, como línguas maternas da maioria da população, são aquelas que oferecem melhores condições de comunicação aos falantes. Para além das funções emotiva e veicular, as línguas moçambicanas estabelecem, também, a relação de identidade entre o falante, a tradição e a cultura.

O principal desafio, que se coloca às línguas moçambicanas, é tornar o 1º Ciclo do Ensino Básico, mais relevante, no sentido de formar cidadãos capazes de contribuir para a melhoria da sua vida, da vida da sua família, da sua comunidade e do país, dentro do espírito da preservação da unidade nacional, manutenção da paz e estabilidade nacional, aprofundamento da democracia e respeito pelos direitos humanos, bem como da *valorização do património cultural e linguístico*.

Actualmente, as línguas moçambicanas são consideradas “línguas” como qualquer outra língua natural e o termo “dialecto”, designação que lhes era atribuída com sentido pejorativo, deixou de ser empregue como tal, pelo menos no meio académico e passou a ser definido como termo científico, como variante dessas línguas.

As línguas moçambicanas, tal como o Português, desempenham actualmente a função veicular: é frequente estabelecer-se uma conversa, dar uma explicação ou um esclarecimento na língua local, mesmo nas zonas urbanas.

2. As atitudes linguísticas do ensino Bilingue (Elomwé e Echuwabu)

2.1. O Ensino bilingue em Moçambique

CHIMBUTANA (2009:17) considera a educação bilingue como um termo que cobre uma “variedade de provisões da educação, incluindo aqueles que usam uma única língua e o uso de duas línguas na mediação da instrução”.

A educação bilingue que pretendemos analisar neste estudo relaciona-se com o uso da língua materna na orientação básica em relação à educação em sociedades multilingues ou pelo menos nas classes iniciais. Esta alternativa de ensino mostra ser viável em relação a uma educação baseada no uso apenas da língua oficial, cujo domínio não é da maioria das crianças que entram para a escola pela primeira vez.

O processo educacional, em qualquer sociedade, só terá sucesso se for conduzido através duma língua que o aprendente melhor conhece. Deste modo, os pressupostos psicopedagógicos e cognitivos, a preservação da cultura e identidade do aluno e os seus direitos humanos aparecem como condicionantes do sucesso do aluno. A nível psicopedagógico e cognitivo, o ensino inicial na L1² é benéfico, pois facilita a interacção na sala de aula, visto que o aluno, por conhecer a língua, tem maior facilidade de comunicação. O professor funciona como mediador cultural, usando a língua para animar e ajudar os alunos a aprender.

O Programa de Ensino Bilingue consiste no uso de duas línguas no processo de ensino-aprendizagem nos alunos do ensino Básico, a partir do primeiro ano de escolaridade. De acordo com o Plano Curricular do Ensino Básico (2008: 30) citando (BAKER, 1993) “a língua não é somente um instrumento de comunicação, mas também um veículo de transmissão de aspectos culturais. Entre outros aspectos, o vocabulário, as frases idiomáticas, as metáforas, são os que melhor expressam essa cultura”

As razões da introdução das línguas moçambicanas no ensino permitem à criança expressar-se na língua que domina para facilitar a sua inserção na vida escolar, fazer com que a criança adquira

² Língua primeira=língua materna

uma base sólida na sua língua materna com vista a uma melhor proficiência nas outras línguas e valorizar as línguas moçambicanas.

A pertinência do ensino bilingue em Moçambique incorpora-se na necessidade de dar oportunidade às línguas moçambicanas de serem ensinadas e aprendidas nas escolas e usadas em locais vitais da sociedade. NGUNGA (2000:25) afirma que “investir na introdução das línguas nacionais no sistema de educação é uma forma de combater a pobreza absoluta, a marginalidade, os casamentos prematuros fenómenos com custos sociais elevadíssimos. É uma forma também de contribuir para a moçambicanidade bem como para o desenvolvimento pleno dos moçambicanos”.

Assim, podemos concluir que entre os vários modelos do ensino bilingue, Moçambique optou pela transição gradual do aprendente da L1 para L2³. Entre as várias razões, a introdução das línguas moçambicanas no ensino Básico prende-se com o facto de grande parte dos alunos, ao ingressarem na escola já terem desenvolvido algumas competências básicas nas suas línguas maternas.

2.2. As atitudes linguísticas

Os estudos de TRUDGILL (2003) sobre avaliação que os locutores fazem das línguas/variedades mostram a existência de “comportamentos sociais” chamados atitudes. Esses comportamentos são chamados também normas implícitas ou prestígio latente. Contudo, muitas vezes, as atitudes linguísticas constituem a expressão das lutas sociais subtis e muitas vezes, implícitas.

A linguagem vem sendo encarada como um fenómeno social, com os estudos de Saussure. Por assim dizer, o ensino da língua portuguesa não deve se cingir nas formas “correctas” e “não correctas” de falar usando como referência a comunicação escrita, pois isto faz com que os falantes tenham atitudes linguísticas positivas sobre a língua padrão ou de prestígio e negativas sobre os dialectos ou variedades linguísticas por parte de alguns, principalmente na expressão oral.

³ Língua segunda

Em muitos casos, as atitudes linguísticas baseiam-se em factores extra-linguísticos (social, económico, político, etc.) contudo, elas são importantes para o sucesso na implementação da política e planificação linguística.

Os falantes manifestam atitudes e comportamentos para com as suas línguas, para com as suas variedades e para com aqueles que as utilizam e que exercem influências sobre o comportamento linguístico. Sobre esta matéria, CALVET (2002: 65-80) aponta vários tipos de atitudes que são: “os preconceitos, a segurança/insegurança linguística, as atitudes negativas e positivas, a hiper correcção, as atitudes e a variação linguística”. Isto implica que os alunos, professores e a comunidade falantes do Elomwé e do Echuwabu, possam ter comportamentos linguísticos no ensino bilingue uma vez que as línguas de ensino são o Português, Echuwabu e Elomwé.

Por seu turno, HOLMES (1972:346) afiança que “as atitudes linguísticas são fortemente influenciadas por factores sociopolíticos. Na planificação linguística deve-se ter em conta a língua conveniente para ser oficial ou nacional”. Sendo assim, podemos dizer que as atitudes linguísticas afectam o progresso académico dos alunos que usam uma língua desprestigiada, apesar de não haver consenso sobre a existência de línguas bonitas/feias, sons melhores/piores mas, os falantes acreditam nestas dicotomias.

Podemos concluir que as atitudes afectam directamente o comportamento do indivíduo, por exemplo, alguns actores do processo de ensino-aprendizagem preferem que os filhos aprendam em português e não em línguas bantu. Estas atitudes linguísticas podem ser medidas e observadas de acordo com o tipo de modalidade que é mais aderida pelos alunos, se é monolingue ou bilingue. Portanto, de uma forma geral, a atitude é uma intenção e pode não se efectivar, só se prova pela acção. Ela pode-se manifestar pela experiência vivencial ou profissional ou pode resultar dos preconceitos do indivíduo ou ainda por uma simples observação dos factos reais numa determinada sociedade.

Considerações finais

A questão do ensino bilingue tem sido uma matéria digna de muitos debates entre os vários pesquisadores da área das ciências sociais e não só, uma vez que envolve processos de línguas em contacto, processos psíquicos e se estabelecem mecanismos socioculturais dos falantes quer ao nível individual ou social cujos conceitos abrem espaços para várias interpretações e descrições.

Todavia, cada criança deve receber educação inicial na sua língua materna porque a falha da compreensão da língua de instrução por parte do aluno bloqueia o seu progresso académico uma vez que inibe a interacção com os colegas, professores e outras pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem (PEA).

Notamos que há uma diglossia relativamente estável porque as atitudes linguísticas negativas surgem, também, pelo facto dos falantes do Echuwabue e Elomwé saberem em que situações devem usar o Português ou as línguas bantu. Em princípio, as línguas bantu são usadas em contextos informais, familiares, culturais ou tradicionais, religiosos, entre outros. O Português usa-se em situações formais, no ensino, na função pública, é sinónimo de ascensão social, é língua de *civilização* e de unidade nacional, é uma das línguas de prestígio não só nacional como também internacional, sendo a sua aprendizagem e conhecimento bastante almejados por muitos moçambicanos, em geral e zambezianos, em particular

As línguas moçambicanas, tal como o Português, desempenham actualmente a função veicular: é frequente estabelecer-se uma conversa, dar uma explicação ou um esclarecimento na língua local, mesmo nas zonas urbanas.

Presentemente, empregam-se estas línguas nos espaços religiosos: nas pregações de missa, mesmo nas igrejas católicas, com padres moçambicanos (em situação bilingue: português e uma língua moçambicana), os cânticos religiosos são, muitas vezes alternados: língua moçambicana/português e em revistas religiosas.

Bibliografia

1. APPEL, R. & MUYSKEN, P. *Language Contact and Bilingualism*. London and New York, Edward Arnold, 1969.
2. BERGAMASCHI, M. C. Z. Bilinguismo de dialeto italiano-português: Atitudes linguísticas. (Dissertação do mestrado não publicada). Brasil, Universidade de Caxias do Sul, 2006.
3. BOUDREAU, A. A Construção das representações linguísticas na Acádia. *Interfaces Brasil/Canadá*, Nº10, 2009.pp. 76-109.
4. BAKER, C. *Fundamentos de Educación Bilingüe y Bilingüismo*. Madrid, Catedra, 1993.
5. CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: Uma introdução crítica*. São Paulo, Parábola Editora, 2002.
6. CHIMBUTANA, F. S. The propose and value of bilingual education: A Critical, Linguistic and Ethnographic study of two rural Primary Schools in Mozambique. (A Thesis submitted to the University of Birmingham for the degree of Doctor of Philosoph - PhD). Tese de Doutoramento não publicada. 2009.
7. HENRIKSEN, S. M. Language Attitudes in a Primary School: A Botton-up Approach to language education policy in Mozambique. Rosilde University, Department of Culture and identity, 2010. (Tese de Doutoramento não publicada).
8. HOLMES, J. *An Introduction to Sociolinguistics*. Longman, London and New York, 1972.
9. INDE/MINED, Plano Curricular do Ensino Básico, Maputo, 2003.
10. LOPES, A. J. et al, *Moçambicanismos: Para um léxico de usos do Português Moçambicano*, Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2002.
11. MENDES, I. *Léxico no Português de Moçambique*, Promédia Editora, S/ed., Maputo, 2000.
12. NGUNGA, A. *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo, Imprensa Universitária, 2004.
13. NGUNGA, A. & FAQUIR, O. G. *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Maputo, Colecção: As Nossa Línguas III, Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM, 2001.
14. PEBIMO, *Ensino Bilingue: Uma Alternativa para a Escolarização Inicial (EP1) nas Zonas Rurais*, INDE, Maputo. (1996).
15. SITOE, B. & NGUNGA, A. *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo, NELIMO- UEM, 2000.